

Conheça os
melhores telemóveis
do mercado **PV**

Atmos – o mais
icónico relógio de
mesa do mundo **PVII**

“O país precisa de novidade sobretudo na política”

Rita Redshoes lança “Her”, o seu quarto álbum, e recorda os primeiros passos. Fala com entusiasmo sobre Portugal, analisa o Governo e Marcelo, tem esperança em Guterres e chama a atenção para o sofrimento das mulheres. ■ **PI/III**



ENTREVISTA Rita Redshoes

Música

“A União Europeia está dormiente a muitas coisas”

A lançar o quarto álbum de originais, a cantora e compositora diz que Marcelo “tem cumprido”, fala sobre o Governo e admite sentir esperança no trabalho de Guterres na ONU.

Paulo Jorge Pereira
ppereira@jornaleconomico.pt

Chama-se “Her”, é o quarto álbum de Rita Redshoes e está hoje à venda. Mas, nesta entrevista, a cantora e compositora fala sobre muito mais do que música.

Como avalia o trabalho do Governo anterior e o do atual que se tornou histórico após a maioria parlamentar de esquerda?

Vivi de forma muito acesa as últimas eleições, estava colada à televisão. Foi maravilhoso nesse sentido histórico da novidade, porque este país precisa de novidade, sobretudo na política. Gostei disso e pensei logo que as pessoas iriam cumprir e responsabilizar-se pela solução...

E cumpriram?

Gosto mais de falar no fim, mas aprecio ver mulheres no poder e isso faltava muito em Portugal... **Mas o anterior Governo tinha ministras...**

É verdade, mas quero mais mulheres e jovens, porque isso é bom. Há uma geração ativa que trabalha, paga os seus impostos e precisa de ter uma voz.

Além da imagem, o Governo tem cumprido o que prometeu? Creio que sim. Não tenho partido, acredito em pessoas que acreditem no país e no povo, trabalhem nesse sentido e sejam honestas...

É mais de esquerda ou de direita?

Há valores em que me sinto mais de esquerda [risos] e outras coisas menos... Mas importante é servir o povo e o país. Sinto é que se perde muito tempo a criticar os outros sem apontar soluções nem colaborar, um erro profundo. O país é nosso e todos temos de contribuir para uma vida melhor. Custa-me muito, fico até a digerir mal o jantar quando vejo o telejornal e percebo o tempo que os políticos passam a criticar. Isto não tem interesse, ninguém cresce, façam críticas construtivas! Claro que

isto é muito idealista, porque há egos, dinheiro e interesses, mas estão em causa um país e pessoas.

Quem governa o país são os governos ou as grandes empresas? Quero acreditar que são os governos e tenho discussões infundáveis com os meus amigos sobre isso, mas, caramba! se calhar é... por outro lado, se começar a acreditar e olhar para o mundo assim, isto perde significado.

Como analisa o presidente?

Marcelo Rebelo de Sousa é um Presidente da República, dentro da geração dele, mais próximo daquilo que é a realidade com que as pessoas podem identificar-se e é exímio a fazer isso. Tem cumprido e, por comparação com o anterior, tenho muito mais disponibilidade para ouvir um discurso dele, ter mais fé naquilo que possa trazer ao país ou resolver a falta de bom senso. E isso dá-me esperança.

Também tem esperança na União Europeia?

Zango-me muitas vezes comigo por ficar dormiente. Há uma canção no disco, “Bed of Love”, que é inspirada na imagem de uma senhora sozinha, refugiada, que vem num dos barcos e vi no telejornal. Foi uma imagem muito forte e bateu-me, mesmo tendo a consciência de que, podendo fazer algo, não posso resolver aquilo. Mas a União Europeia está dormiente a muitas coisas

que se passam – por exemplo, no que respeita aos Direitos Humanos, mas não quanto aos lucros e ao dinheiro. Isso é o inverso do que deveria ser.

Crê que Guterres pode agir de modo positivo como secretário-geral da ONU?

Tenho essa esperança e orgulho nisso. Vi essa preocupação dele no terreno, fiquei orgulhosa. Tenho de acreditar que alguém que chega ali com essas intenções deve cumpri-las.

Portugal é um país interessante?

Portugal é um país muito interessante, começo a pensar que é o centro do mundo! Estive um mês fora a gravar em Berlim e fiquei com saudades enormes do país! O Victor, produtor, durante quase 10 anos passou férias em Tavira; o Greg, baixista, gosta muito de geologia e disse-me que esteve para comprar uma casa em Guimarães com a Laurie Anderson; o Earl estava a caminho de Lisboa para uma digressão; o Knox tinha uma história com uma promotora de cá há 20 anos – toda a gente tem memórias e história sobre o país!

O que espera do futuro presidente dos Estados Unidos?

Para ser muito honesta, não tinha grande esperança em qualquer dos candidatos, revia-me mais em Bernie Sanders, mas era demasiado à esquerda para a realidade dos Estados Unidos e a sua História. Mas gostei que tivesse o espaço de que gozou. O que posso dizer? Donald Trump é uma anedota, termos esta conversa é surreal! Apesar de ser uma mulher, Hillary não merece simpatia por várias posições ao longo da vida. Seria do mal o menos e isso também era triste para um país daquela dimensão.

O tema “Mulher” do novo disco é uma declaração de princípios? [risos] Não sei...

Porque soa um pouco a isso...

Percebo, o meu irmão disse: “Isto é uma marcha!” Claro que tem um bocadinho isso, fiz uma tradução para os músicos perceberem e a intenção deles logo a tocar foi essa. Tornou-se espécie

de bandeira, mas são os meus princípios, não são para todos.

Ilustram a sua faceta de defensora dos direitos das mulheres e de ativista contra a violência: como se reflete isso no seu dia-a-dia?

Tive a sorte de a minha avó e a minha mãe serem muito feministas, mas também, de alguma forma, um pai, um avô e um irmão. Nunca senti que a minha opinião não contasse ou que o meu pai colocasse em causa ser música por ser mulher. Demorou algum tempo até ser confrontada com isso, mas, à medida que ia crescendo e nesta profissão, deparei-me com situações no tratamento e no espaço das questões das mulheres. Tive alguns episódios caricatos a trabalhar com homens.

Sentiu-se discriminada?

Senti, senti... Virei a questão para mim porque sou tímida, mas cruzei-me com mulheres de outras áreas que se queixavam do mesmo e isso levou-me a perceber que havia uma questão. Isso zangou-me e irritou-me. Custa-me e entristece-me porque aproveitamos todos menos do que podíamos e, quando há violência psicológica ou física, zango-me mesmo!

Interviu ou foram ter consigo?

Vieram ter comigo. Era sensível, seguia as newsletters da APAV e disse logo que sim.

Estamos muito longe da paridade entre géneros?

Estamos um bocadinho longe e, noutras sociedades, muito longe. Há mulheres em sofrimento atroz em algumas sociedades, mas, mesmo na Europa, há muito por fazer e mudar mentalidades. Discutir é um bom passo para alterar a situação.

O que anda a ouvir?

Comprei colunas novas [gargalhada] e voltei a ouvir discos antigos. Um deles, e um dos discos da minha vida, é da Joni Mitchell, “Both Sides Now”, em que ela já canta na oitava abaixo. É das coisas mais bonitas feitas alguma vez!

Lê muito?

Sim e adoro biografias. ■

[Na política em Portugal] Perde-se muito tempo a criticar os outros sem apontar soluções nem colaborar, o que é um erro profundo

“Se não fosse música seria uma pessoa insuportável”

Porquê a opção pela música?

Era inevitável, se não o fizesse seria uma pessoa insuportável!

É mais fácil hoje estar no palco?

Fácil, fácil, nunca foi. Nem sei se alguma vez vai ser. Tenho muito respeito ao palco e poder dar a música às pessoas e receber o amor e a disponibilidade delas é muito especial. Muitas vezes, antes de entrar no palco, penso: “Mas porque é que me meti nisto? Agora estava em casa de pantufas, no sofá, com os gatinhos e o cão...” Essa ansiedade existe. Mas depois o prazer que me dá de chegar ao fim dos concertos e dizerem-me que uma música ajudou ou que queriam dizer aquilo e não encontraram as palavras... Isso é muito bonito e tem de valer a minha dificuldade, é um preço a pagar.

Este é o seu quarto álbum. Além dos três temas que canta em português e de tocar tantos instrumentos o que há de inovador?

Quis regressar um bocadinho ao meu primeiro disco para ter uma sonoridade clássica – tive cordas no primeiro disco e quis regressar a elas. Falando com o produtor, pensámos que serviria melhor, face às canções que tínhamos, assumir isso como fio condutor para toda a sonoridade do disco. Entregámos as maquetas ao Knox Chandler que fez os arranjos de cordas, mostrando depois ao baterista e baixista que acrescentaram as suas partes. Acabou por acontecer que este se tornou um disco com uma posição e um olhar feminino sobre as coisas. Tem algo de autobiográfico, mas vai além disso. E não se trata de excluir o masculino e os homens, de todo. Mas a sociedade foi cristalizando certas coisas e torna isso mais castador para os próprios homens, não percebendo que o todo é mais importante e não se valorizando as diferenças.

O que significou gravar em Berlim com nomes ilustres que trabalharam com Nick Cave, PJ Harvey, Beth Orton ou Depeche Mode?

Foi um orgulho ter essas pessoas a trabalhar com bagagem que fala por elas.

Não se sentiu intimidada?

Ao chegar ao estúdio, no primeiro dia, ia intimidada. São pessoas de outra geração e eu uma miúda... Mas cedo perdi essa noção, porque senti que estavam empenhadas física e emocionalmente para darem o melhor.

Foi bem recebida?

Muito bem! Viram a compositora portuguesa e miúda, mas quiseram respeitar ao máximo as canções que ali estavam, fazendo per-

guntas e ajudando. Isso é muito musical e artístico. Foram importantes mais-valias.

Como avalia o que fez antes?

O primeiro disco foi o culminar de sonhos no sentido de gravar um trabalho em nome próprio e tudo o que daí veio foi surpreendente para mim. O segundo foi a tentativa de experimentar outra coisa. Descobri coisas diferentes e aprendi muitas outras, foi um bocadinho o caminho das pedras, porque o segundo trabalho é sempre muito inglório, sobretudo quando o primeiro corre muito bem...

Como num segundo livro em que há até fases de bloqueio?

Sim, pode ser muito assustador. Depois, demorei muito tempo a fazer o terceiro disco, num misto de digerir todas essas coisas, perceber o que queria fazer e porque, ao longo do processo, fui fazendo coisas como colaborações e bandas sonoras. Arrisquei trabalhar pela primeira vez com um produtor estrangeiro – o brasileiro Gui Amabis – e com pessoas que não sabiam o que fizera antes.

É um percurso de evolução ou com momentos de continuar certa linha melódica?

Sinto mais isso a partir deste disco. Andei a explorar um pouco até aqui e agora encontrei o que penso ser a minha essência, expondo-a da melhor forma.

Como lembra os Atomic Bees e o trabalho com David Fonseca?

Com saudade, guardo muito boas memórias. Os Atomic Bees serão sempre especiais, porque tocava com o meu irmão e com os meus amigos e foi o meu berço. Foi aí que percebi que queria ser música e dei os primeiros concertos importantes. É maravilhoso porque tive oportunidade de descobrir isso aos 14 anos em casa, indo tocar nas garagens dos pais ou nos clubes da zona. Essa criatividade inocente foi a melhor escola que podia ter. Com o David foi uma primeira experiência fora de pé, fazendo-me crescer muito.

O David incentivou-a a seguir uma carreira a solo?

Ele veio ter comigo por causa dos Atomic Bees. Escreveu-me a dizer que gostava muito do disco, fiz alguns concertos a tocar a solo e o David foi ver um desses concertos. Mais tarde iria dizer-me que sabia que eu estava ali por pouco tempo, pois sabia da existência das minhas canções e que isso iria dar alguma coisa.

Além disso, houve as experiências dos Rebel Red Dog e dos Photographs...

Photographs foi o projeto a solo.

Foram passos para o que é hoje?

Sem dúvida. Os Rebel Red Dog eram os Atomic Bees, mas em que decidimos todos trocar de instrumentos e eu, por exemplo, era baterista [gargalhada], usava cabeleira e tínhamos muita liberdade. Chegámos a tocar para o presidente e correu bem!

O que há da psicóloga clínica na sua música?

Espero que nada [gargalhada]... Fui tirar o curso por curiosidade, porque gosto muito de aprender coisas novas, mas nunca pensei em exercer. As ferramentas ficaram cá e, em algumas situações, numa leitura das coisas ou a dar preponderância ao que as pessoas sentem, talvez utilize de forma inconsciente.

As bandas sonoras são essenciais para diversificar?

É uma espécie de sanidade mental, porque ponho a criatividade à mercê de uma outra arte e não tenho de lidar com todas as questões da indústria da música.

Como foi gravar com os GNR?

Sempre fui fascinada pelos GNR, pelo Rui, as letras, todo aquele surrealismo, fiquei muito contente e super-honrada com os convites para os Coliseus. A música é linda, tem tudo a ver com todos nós e... dançava o “Dunas”, na versão ao vivo, com as amigas na garagem dos meus pais e continuo assim quando estou com eles [risos].

Foi influenciada pelo documentário que viu sobre a PJ Harvey em que ela falava sobre música e momentos de solidão que implicava. O que tem pesado mais?

Continuo a ter uma relação de amor-ódio com isto tudo. Amor à música, sem dúvida, o ódio vem de outras coisas inerentes, uma das minhas ansiedades a partir do momento em que se vive de uma arte. Convivo bem com a solidão... Neste momento, sabe do que tenho mesmo medo? É de sentir que isto é tudo tão rápido, tão efêmero, fiz este disco com todo o amor e dedicação e tenho um medo horrível de nem sequer chegar às pessoas. E dessa solidão tenho mesmo medo.

Como é a relação com a fama?

Sempre fui muito introvertida, tinha ataques de pânico ao ir para a escola e essa natureza está cá, arranjei foi muletas. Quando se fala em pessoas com muita fama, isso é assustador, não desejo isso para mim. Gosto de viver no meu prédio, os vizinhos conhecem-me, mas saio à rua e faço a minha vida. Não sou uma pessoa leviana ou superficial. ■



Fotografia com RA

CINEMA

Mel Gibson vai à guerra e descobre um herói pacífico

“O Herói de Hacksaw Ridge” é Desmond Doss, salva-vidas por entre o caos, e passou no Lisbon & Estoril Film Festival antes da estreia.

Paulo Jorge Pereira
ppereira@jornaleconomico.pt

Já foi responsável por um épico centrado na figura do herói escocês William Wallace (“Braveheart”, de 1995) e também se expôs à polémica religiosa com “A Paixão de Cristo” (2004). Agora, Mel Gibson empenha-se em contar a história verídica de Desmond T. Doss, um apaixonado pela Medicina que se tornou figura central na fase final da II Guerra Mundial como responsável por salvar vidas.

O filme acompanha o percurso de Desmond e detém-se numa característica especial: filho de um ex-soldado da I Guerra Mundial cuja amargura o conduziu à bebida e à violência doméstica, Desmond irá recusar-se a empunhar uma arma. E por isso chega a expor-se a conselho de guerra, embora acabe por embarcar



Condecorado por atos de bravura, Doss salvou 75 soldados dos EUA na batalha de Okinawa, em 1945

rumo à frente do Pacífico. E, na batalha de Okinawa, este pacífico salva-vidas vai realizar um esforço sobre-humano para recuperar 75 soldados que pareciam perdidos.

Género: Guerra; **Realizador:** Mel Gibson; **Elenco:** Andrew Garfield, Vince Vaughn, Sam Worthington, Luke Bracey, Hugo Weaving, Ryan Corr, Teresa Palmer, Richard Pyros e Rachel Griffiths; **País:** EUA; **Duração:** 131m.

ESTREIAS

Chocolate



Inspirado no livro “Chocolat, Clown Nègre – L’histoire oubliée du premier artiste noir de la scène française”, do historiador Gérard Noiriel, o filme conta a história de Rafael Padilla, nascido em Cuba em meados do século XIX, quando a escravatura fazia parte da legalidade. Chegado nessa condição a Espanha, consegue evadir-se ao seu comprador e junta-se a alguns artistas. Até que é convidado pelo inglês George Fottit a formar uma dupla de pantomima que irá permanecer em atividade durante cerca de 20 anos. Mais uma oportunidade para Omar Sy afirmar a versatilidade, compondo personagem que apaixonou os espectadores. **Género:** Drama; **Realizador:** Roschdy Zem; **Elenco:** Omar Sy,

James Thierrée, Clotilde Hesme; **País:** França; **Duração:** 110m.

Estrada 47

Uma co-produção que reúne portugueses, italianos e brasileiros, abordando a II Guerra na perspetiva da Força Expedicionária do Brasil. Vicente Ferraz realiza este filme a partir de um argumento escrito por si próprio, tendo por base documentação variada acerca do envolvimento brasileiro no conflito, bem como algumas entrevistas a veteranos da guerra. Destaque, entre os integrantes no vasto elenco, para o português Ivo Canelas.



Género: Guerra; **Realizador:** Vicente Ferraz; **Elenco:** Sergio Rubini, Daniel de Oliveira, Francisco Gaspar, Thogun, Ivo

Canelas, Júlio Andrade; **País:** Itália, Portugal e Brasil; **Duração:** 107m.

O Primeiro Encontro

A linguista Louise Banks tem o apoio do matemático Ian Donnelly e do coronel GT Weber para uma espinhosa missão: tentar estabelecer contacto pacífico com extraterrestres. O cenário é o de uma invasão do planeta por parte de gigantes naves espaciais que, sem qualquer demonstração a propósito das suas pretensões, se posicionam em diferentes pontos do globo. A abordagem será feita num cenário de equilíbrio muito delicado.



Género: Ficção científica; **Realizador:** Denis Villeneuve; **Elenco:** Amy Adams, Jeremy Renner, Forest Whitaker, Michael Stuhlbarg, Tzi Ma; **País:** EUA; **Duração:** 116m.

LIVROS

“A Gorda”, de Isabel Figueiredo (Caminho)

Como é que Maria Luísa, excelente aluna, dotada de inteligência luminosa, beleza invulgar e presença marcante, lida com o facto de ser gorda? E, sobretudo, como lidam com essa característica secundária as pessoas que a rodeiam? Duas possíveis respostas: na escola recebe insultos amiúde e, quando chega o momento do baile de finalistas, não tem par. Um romance que mostra a superficialidade e a hipocrisia humanas.



“A Balada de Adam Henry”, de Ian McEwan (Gradiva)



A mestria do autor multipremiado numa obra que volta a abordar temas do quotidiano com invulgar capacidade de análise e exposição. Nesta situação está em causa a história de uma juíza, Fiona Maye, cujo casamento com mais de três décadas se encontra num impasse. É a altura em que terá de avaliar o caso de Adam, de 17 anos, cuja família, formada por Testemunhas de Jeová, recusa a transfusão de sangue que poderá salvá-lo.

“Geografia dos Génios”, de Eric Weiner (Actual Editora)

Eric Weiner estabelece relações entre diversas cidades e o surgimento de ideias que ajudaram a mudar o mundo. Viena, Florença, Atenas ou Silicon Valley estão nessa lista do autor que, vivendo em Washington e escrevendo para BBC, Washington Post ou Los Angeles Times, recebeu diversos galardões na área jornalística. Em Portugal já publicou “A Geografia da Felicidade”, traduzida para 20 idiomas.



“Vitória”, de Luísa Beltrão (Manuscrito)



Neste romance conta-se a história de Vitória que acompanhou o marido rumo a França no contexto da I Grande Guerra. Enfermeira voluntária num hospital inglês, irá acabar por cuidar de um médico, herói no cenário do conflito como responsável pela salvação de inúmeras vidas. E, a partir daquele dia 4 de novembro de 1917, a sua vida não voltará a ser como antes. Está à venda desde o passado dia 8.

“S.P.Q.R. – Uma História da Roma Antiga”, de Mary Beard (Bertrand Editora)

“S.P.Q.R. (“o Senado e Povo de Roma”) – Uma História da Roma Antiga” é a narrativa acerca da “ascensão inédita de uma pequena aldeia no centro de Itália, a capital de uma civilização que, 2000 anos depois, ainda molda muitas das conceções de poder, cidadania, responsabilidade e beleza”, segundo refere a editora.





TECNOLOGIA

Telemóveis para todos

Chega-se ao fim do ano e as marcas apostam que vamos trocar de telemóvel. Por isso desde setembro que estão a apresentar novidades como as mais recentes da Sony Xperia e da Huawei. Mas quais são, afinal, os melhores telemóveis do mercado?

Bruno Lobo

blobo@jornaleconomico.pt

Foi um pequeno salto para Patrícia Mamona, mas um grande passo para a Sony, que filmou tudo com os seus novos telemóveis topo de gama. O resultado ficou acima das expectativas, prova de que pode mesmo confiar na qualidade de imagem deste Xperia XZ. A campeã europeia de triplo salto virou embaixadora da marca e subiu à pista do Estádio 1º de Maio, em Lisboa, para um salto que seria acompanhado por vários XZ colocados ao longo da pista, na areia e num drone, para captar imagens aéreas.

Recorrendo à realidade aumentada poderá verificar como as imagens nunca perderam o foco e as cores do tartan e da relva estão muito reais. A explicação é que o novo Xperia inaugura um sistema com triplo sensor para tratar as imagens. Temos o Exmor RS, o principal, que trata sobretudo do autofocus. Um segundo (Laser AF) possui uma tecnologia de medição de distâncias para melhorar a nitidez, mesmo em condições de pouca luz. O terceiro é um sensor RGBC-IRi, dedicado às cores, para conseguir que sejam o mais perto possível da realidade. Refira-se, a propósito,

que a Sony percebe de sensores. É o maior *player* mundial no segmento, vendendo-os para quase metade dos smartphones no mercado. A câmara tem 23 MP e demora menos de um segundo (0,6 para ser preciso) a estar disponível, para que nunca perca "um momento".

Continuando com as câmaras, mas trocando de marca, a Huawei apresentou o Mate 9, um telemóvel que inclui segunda geração das lentes duplas da Leica. A primeira foi apresentada com o P9, em maio deste ano, e se a qualidade de imagem já era impressionante, esta nova geração introduz dois tipos de sensores diferentes, um RGB de 12 MP e um monocromático de 20 MP, que funcionam em conjunto para melhorar o resultado final, sobretudo em situações de pouca luz ou grandes contrastes.

Quanto ao vídeo, o Mate 9 permite gravar em 4K, o que se deve também à inclusão do rapidíssimo processador Kirin 960. Este é sobretudo um telemóvel virado para o mercado empresarial, daí a importância da nova bateria que, com 4.000 mAh de capacidade, está no topo dos telemóveis. Melhor ainda, introduz também a nova tecnologia SuperCharge, que garante 24 horas de autonomia em apenas 20 minutos. Foi lançada também a ver-

Porsche Design

Com a chegada do Mate 9 a Huawei aliou-se também à Porsche Design para lançar um modelo mais exclusivo. Esta proposta terá preço um pouco inferior aos 1.400 euros, quase o dobro da versão normal. Mas, se olharmos para as mais tradicionais propostas de telemóveis de luxo, onde reina a Vertu, reparamos que esta opção, afinal, até é bastante democrática. O que muda? O ecrã AMOLED de 5,5" é agora curvo e tem resolução de 2K. A memória subiu para os 6GB e o telemóvel está disponível apenas na cor Graphite Black. Em termos tecnológicos, essas são as mudanças, mas o toque é diferente. O Mate 9 é já um dos mais bem construídos, mas esta versão da Porsche Design tem melhores acabamentos e mais detalhados, quase como se fosse uma peça de joalharia.



são muito premium deste telemóvel, em conjunto com a Porsche Design, como pode ler na caixa ao lado.

Diz-se que no meio está a virtude e sem dúvida que o OnePlus3 tem bastantes virtudes: tal como o Huawei consegue 24 horas de autonomia em (agora) apenas 30 minutos e partilha o mesmo processador do Xperia, ainda por cima com 6 GB de RAM. Não terá a câmara de nenhum dos dois nem, por exemplo, memória expansível, mas o preço também não é igual. Este é um pouco inferior, no meio desta nossa tabela. Felizmente que o preço já não é um factor limitativo de qualidade e os dois que se seguem são muito interessantes.

O Alcatel Shine é um telemóvel jovem, com um design apelativo numa combinação entre vidro e metal. De louvar ainda a existência de um flash na câmara frontal (selfies mais brilhantes). E se o Shine procura chamar a atenção, o Aquarius U Plus da BQ, prima pela descrição, mesmo na tonalidade dourado (a outra cor disponível é preto). É um telemóvel unibloco, em alumínio anodizado revelador da qualidade dos materiais e de construção. A câmara traseira de 13 MP chega cortesias da Samsung e no geral, leva uma nota muito positiva no comportamento. ■



Aquarius U Plus

Este telemóvel da espanhola BQ tem um ecrã de 5". A câmara principal tem 16 MP e a frontal 5. Quanto à memória tem duas opções: 2 GB + 16 GB ou 3 + 32. **Preço: 210 ou 250 euros.**



Alcatel Shine Light

Um ecrã de 5" 720p, câmara frontal com 5 MP e traseira com 13 MP. 2 GB de RAM e 16 GB de memória. Processador quadcore Mediatek. **Preço: 200 euros**



OnePlus 3

Ecrã de 5,5" e Processador Qualcomm® Snapdragon™ 820. Impressionantes 6 GB de RAM, mais 64 GB de memória. **Preço 399**

Sony Xz

Ecrã de 5,2" 1080p. É resistente à água. Tem dois processadores (Qualcomm quadcore de 64 bits 820 + X Reality) e 3 GB de Ram com 32 GB de memória, extensíveis a 256 GB (micro SD). **Preço: 730 euros**



Huawei Mate 9

Tem um ecrã de 5,9" 1080p. Dois processadores (Kirin 960, Octa-core + i6 Mali71 MP8) e vem já com o próximo Android 7.0. Tem 4 GB de RAM e 64 GB de memória (extensível a 256 via micro SD). **Preço: 700**

A maior concentração de vinhos de Portugal

Hoje é dia de S. Martinho, mas a nossa sugestão passa por esquecer as castanhas, a jeropiga ou a água-pé e dedicar-se a alguns dos quase três mil vinhos à prova, no Encontro com o Vinho e Sabores 2016.

Bruno Lobo

blobo@jornaleconomico.pt

Já diz o ditado popular: “No dia de São Martinho, vai à adega e prova o vinho”, pelo que a nossa sugestão não é assim tão progressista. Até porque, por estes dias, o Centro de Congressos de Lisboa vira, de longe, a maior adega do país, albergando praticamente três mil vinhos de 450 produtores, representando todas as regiões.

“Num espaço pequeno e em poucas horas pode visitar-se todo o Portugal vínico”, explica João Geirinhas, responsável na Revista de Vinhos pelo evento, antes de continuar: “A palavra ‘encontro’ não é um acaso, é muito importante porque possibilitamos um contacto direto entre os produtores e os consumidores que podem assim esclarecer todas as dúvidas sobre este ou aquele vinho, as suas características ou os objetivos do produtor. Esse contacto é importante também para os produtores que podem assim escutar, em primeira mão, a opinião do consumidor final. É um fator diferenciador do nosso evento.”

O Encontro com o Vinho e Sabores entra já na 17ª edição e é seguramente o maior evento vínico do país. Ocorre de 11 a 14 de Novembro no Centro de Congressos de Lisboa (antiga FIL) e a entrada custa 10 euros. Mais três euros, se pretender um copo de provas (opcional).

Surpreendentemente, apesar do elevadíssimo número de vinhos presentes, a oferta situa-se na gama média e alta. “É mais um argumento importante para nos virem visitar, porque, para muitas pessoas, é uma oportunidade única de provarem um leque variado de vinhos de qualidade. De outro modo seria quase proibitivo.”

Como pretende ser um acontecimento de divulgação, o evento conta com um vasto programa de palestras ou provas especiais. Hoje, por exemplo, ninguém deveria perder, às 19h30, uma prova histórica de Vinhos da Talha, “vinhos com um carácter muito especial, único”. Os Vi-



“Teremos à prova vinhos muito raros, difíceis de encontrar e que podem custar centenas de euros”

nhos da Talha – uma espécie de ânfora onde o vinho fermenta, com o barro a ajudar à micro oxigenação do vinho – datam do tempo dos romanos, mas é uma tradição que se foi perdendo até desaparecer de quase todos os países produtores no velho continente. Sobram algumas honrosas exceções que, em Portugal, se encontram no Alentejo. É um vinho de enorme sazonalidade e está pronto a ser consumido precisamente por altura do S. Martinho, quando o processo está concluído após as colheitas de setembro. Não é fácil encontrar verdadeiros vinhos da talha, daí a importância desta prova.

Este é um encontro feito para agradar a gregos e troianos ou, no caso, apreciadores ocasionais e verdadeiros conhecedores. Assim, e sobretudo para os mais exigentes, existem também “Provas Especiais”, comen-

tadas por especialistas (com um custo acrescido de 30 euros). “Trata-se de vinhos muito raros, muitas vezes difíceis de encontrar e que podem custar centenas de euros”, esclarece também João Geirinhas. Assim, teremos, por exemplo, uma prova de vinhos Graham’s, vinhos vintage e tawny, alguns já dos anos 50. Ou Madeiras quase centenários. “Este ano temos também uma presença internacional maior, com destaque para uma prova de Vega Sicilia, o vinho mais reconhecido de Espanha (uma espécie de Barca Velha espanhol, com a diferença de ser mais antigo e ter um reconhecimento internacional maior).”

Ao todo serão 12 Provas Especiais, em “três dias muito intensos de provas e sensações”. Não será bom para o fígado, mas o encontro acontece apenas uma vez por ano. ■

Mercado de sabores

Ultimamente os sabores têm vindo a ganhar peso (passe o trocadilho) e nesta edição cada dia é dedicado a um ingrediente especial: azeite, arroz e bacalhau. Palestras e *showcookings* darão a conhecer alguns dos segredos e técnicas de confeção. Os chefs, como Tiago Bonito (do Lisboeta) ou Paulo Morais (do Rabo d’Pêxe), estarão disponíveis para conversar com todos. A oferta de iguarias – para provar ou comprar – foi também revista e aumentada.





NORTON

Biker Jacket

É um investimento intemporal e o casaco perfeito para o fim-de-semana. Especialmente com esta herança toda...

Não há peça de roupa tão representativa do espírito de liberdade como um biker jacket. Exceto talvez uma camisa havaiana, mas deixemo-la de fora por agora...

Este género de casacos de cabedal – que os ingleses muito justamente particularizam como biker jacket (casaco de motociclista) – é sinónimo de estradas abertas, aventura e liberdade. É também um dos mais perenes elementos de estilo, pelo que existem inúmeras propostas, seja das mais exclusivas casas de moda ou de grandes cadeias mais “democráticas”. Não será difícil encontrar uma solução ao seu gosto. Aqui está a proposta de um recém-chegado, mas com uma enorme herança.

A Norton Motorcycle foi fundada em 1898 em Birmingham por James Lansdowne Norton. Com um impressionante registo de vitórias desportivas, forneceu o exército britânico nas duas grandes guerras do século passado e sobreviveu à grande competição japonesa nos anos 60 e 70, bem como às crises financeiras nos anos 80 e 90. Nomes famosos como Steve McQueen, Clint Eastwood, Che Guevara ou Peter Williams ajudaram a contribuir para o estatuto de culto de que a marca goza hoje em dia, junto de um número crescente de motards em busca de autenticidade. A mesma que vai retirar de um blusão de cabedal da Norton Clothing. Vesti-lo é quase um tributo a todos esses heróis. ■



LUXO

Atmos, o relógio de gelo

É perfeito a marcar o tempo mas o tempo parece não passar por ele. Eis a nova reinvenção do Atmos, o mais icónico relógio de mesa do mundo.

Bruno Lobo
blobo@jornaleconomico.pt

Se Deus desenhou o mundo, Marc Newson vai no bom caminho para desenhar tudo o que cabe lá dentro. O omnipresente designer já fez mobiliário (para a Cappellini, Magis ou B&B Itália), moda (G-Star Raw e Nike), eletrodomésticos (Smeg), tachos, panelas (Tefal), faqueiros (Alessi) e copos (Iittala), secadores de cabelo (Vidal Sassoon), frapés (Dom Pérignon), tira-imperiais (à falta de melhor nome, Heineken), espadas Samurai (Wow Japan), espingardas (Beretta), máquinas fotográficas (Leica, Pentax), óculos (Sáfilo), canetas (Montblanc), serviços de chá (Georg Jensen), malas de viagem (Samsonite, Louis Vuitton, neste último caso também desenhou mochilas).

E ainda joalheria (Boucheron), automóveis (Ford), barcos (Riva), aviões (Dassault Falcon), cadeiras de avião e cabines de primeira classe (Quantas), bicicletas (Biomega)... Podíamos continuar indefinidamente mas já dá para perceber a ideia, até porque ainda temos ainda de falar deste novo Atmos 568, desenhado para a Jaeger-LeCoultre. Se calhar antes ainda referimos que Newson desenhou o seu primeiro relógio em 1986, o Large Pod Watch e que, 10 anos depois fundou, com Oliver Ike, a marca de relógios suíça Ikepod. E que desenhou, em conjunto com o seu amigo Jony Ive (director de design da Apple), o smartwatch de Cupertino.

A parceria com a Jaeger-LeCoultre também vem de trás, com o modelo comemorativo do 80º aniversário do Atmos, o relógio de mesa da marca, cujo primeiro modelo foi lançado em 1929. Uma história incrível que pode acompanhar através da realidade aumentada nesta página. O Atmos é um relógio mecânico de movimento perpétuo, cuja autonomia advém de uma espécie de fole de metal, cheio de gás, o qual contrai ou dilata à mais mínima variação da temperatura ou variação atmosférica.



Desenhada por Marc Newson, esta versão tem como grande característica a caixa em cristal Baccarat absolutamente transparente

Diferenças de um único grau Célsio ou de três mmHg de pressão são suficientes para alimentar o relógio durante dois dias inteiros de funcionamento. O Atmos está assim preparado para funcionar *ad eternum*, pelo menos em teoria, porque ocasionalmente necessita de uma visita de manutenção à oficina. Afinal, é um relógio mecânico, cheio de peças móveis.

Em 2010, o designer regressou com uma segunda versão, pelo que esta é já a tercei-

ra edição de um Atmos By Marc Newson.

Aqui, a grande característica é a sua caixa em cristal Baccarat absolutamente transparente, mas com diferentes espessuras em determinados pontos. A base e os cantos arredondados são mais grossos, o que lhe confere ainda mais o ar de cubo de gelo. Nos pontos mais finos a espessura chega a ser de 13mm, o que levou a própria Baccarat a desenvolver uma nova técnica de trabalhar o cristal para assegurar a rigidez necessária. Como é absolutamente transparente, o movimento dentro do cristal parece suspenso, como que congelado (na realidade está fixo por quatro pontos na parte de trás). E isto à primeira vista, porque em pormenor apercebemo-nos de uma infinidade de pequenas nuances nos acabamentos, alguns escovados, outros brilhantes, criando assim belíssimos padrões quando os feixes de luz atravessam o cristal transparente. É maravilhoso e será muito fácil perdermos a noção do tempo a contemplar este relógio maravilhoso. ■

Uma peça invulgar e notável

Jaeger-LeCoultre Atmos 568, com movimento mecânico virtualmente perpétuo, totalmente manufaturado e montado à mão. Horas, minutos, meses e indicação das fases da lua, com um dia de desfasagem a cada 3.861 anos.



ROTEIRO

LISBOA

Até dia 13: Lisbon & Estoril Film Festival – Monumental, Nimas Casa das Histórias Paula Rego, Casino Estoril, Cascaishopping, Pavilhão 31, Centro Cultural de Belém. Nos últimos dias da 10ª edição do Festival, destaque para “On the Milky Road”, de Emir Kusturica, apresentado este sábado no Monumental e incluindo conversa com o realizador. O certame prossegue até domingo, dia em que se realiza a cerimónia de atribuição de prémios e o fecho, desta vez com “Nocturnal Animals”, película de Tom Ford.



11: Apresentação da antologia “O Arco-Íris do Instante”, do poeta sírio Adonis (no âmbito do Lisbon & Estoril Film Festival) – Pequeno Auditório do Centro Cultural de Belém, 21h00.

Além da leitura de poemas por parte do próprio autor e de Jorge Silva Melo, haverá ainda uma conversa entre Adonis, Nuno Júdice e Houria Abdeloulahed.

14: Yann Arthus-Bertrand apresenta o filme “Human” – Auditório do Centro Cultural de Belém, 20h00.

Fotógrafo, realizador e ecologista francês, Bertrand ganhou evidência com exemplos como o livro de fotografia aérea “La Terre vue du Ciel”, o documentário “Home – O Mundo é a nossa Casa”, mas também a exposição “7 mil milhões de Outros”. No caso de “Human” há um percurso por 60 países em que são abordados inúmeros temas da vida humana. Em causa está o primeiro filme que mereceu estreia no salão da Assembleia Geral da ONU por ocasião dos 70 anos da entidade. À projeção segue-se debate entre Yann Arthus-Bertrand e Jorge Braga de Macedo, moderado por Pedro Rebelo de Sousa.

Até 18/12: Ballet e Percussão Corporal (oficinas de expressão artística) – Casa-Museu Medeiros e Almeida (rua Rosa Araújo, 41) – Eu sou... Bailarina (das 11h00 às 12h00, com Cecília Hudec); Eu sou... Ator (das 12h00 às 13h00, com Manuel

Henriques); Eu sou... Ritmo (das 14h00 às 15h00, com Paulo Charneca). Preços: cinco euros por participante não acompanhado (mínimo de 10 por sessão); 9,50 euros dedicado a famílias por cada dois participantes (por exemplo, uma criança/jovem+um adulto) – 4,50 euros por cada criança/jovem ou adulto familiar extra. Também há marcações para grupos. Inscrições: oficinasriativas@sentedosilimitados.com ou pelo telefone 91 974 68 26 até três dias antes de cada oficina de expressão artística.



A representação soma-se a ballet e percussão no regresso das oficinas de expressão artística à Casa-Museu.

De 14 a 18/11: A China aqui ao lado (semana de cinema chinês) – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Delegação Económica e Comercial de Macau, 18h30.

PORTO

11 e 12: Vera Mantero: O Limpo e o Sujo – Teatro Municipal do Porto – Rivoli, Campo Alegre – sexta às 21h30 e sábado às 19h00. Preço: 7,50 euros.

12: Novembro em Festa – Workshop de Cianotípia – Máquinas de Outros Tempos.

Preço: 15 euros.

12: Joan Miró – Materialidade e Metamorfose – Casa de Serralves, 11h30.

Uma visita guiada em português com base no serviço educativo do museu. Recorde-se que a exposição vai estar patente até 28 de janeiro do próximo ano, sendo comissariada por Robert Lubar Messeri, enquanto o projeto expositivo pertence a Siza Vieira.

12: Rota dos Vinhos – Massarelos, Ribeira do Porto e Gaia. Começa às 15h00 no Alma at Porto.

Uma oportunidade para provar vinhos brancos, tintos e ainda o vinho do Porto. Como acompanhamento haverá uma diversidade de produtos regionais.

Preço: 30 euros por pessoa (engloba prova comentada de dois vinhos brancos, outros tantos vinhos tintos e três vinhos do Porto), sendo precisa reserva.

ALGARVE

11: Luís Represas apresenta: Tratamento Acústico – Cine Teatro Louletano – Loulé, 21h30.

A assinalar 40 anos de carreira musical, o antigo vocalista dos Trovante segue em digressão pelo país.

Preço: 12 e 10 euros para maiores de 65 e menores de 30 anos.

11: Poesia ao Fim do Dia com Marta La Piedad – Biblioteca Municipal de



Loulé – Sophia de Mello Breyner Andresen, 18h00.

11: Tertúlia: Aquilino Ribeiro – Evolução do Homem Republicano –

PORTO

12: Cuca Roseta – Coliseu. Depois da passagem pelo Coliseu dos Recreios, em Lisboa, no passado dia 5, a fadista é recebida na Cidade Invicta para mais uma apresentação do seu trabalho mais recente, Riú, o terceiro álbum de estúdio. Tem produção de Nelson Motta e, entre as colaborações, encontram-se Jorge Palma, Sara Tavares, Júlio Resende, Mário Pacheco, João Gil, Jorge Drexler, Ivan Lins e o próprio Motta. E não ficam sequer de fora temas originais compostos para a artista pelo canadiano Bryan Adams e pelo brasileiro Djavan.



Biblioteca Municipal de Faro António Ramos Rosa, por Cecília Moura Arroç, 18h00.

COIMBRA

11: Baile de São Martinho com Os Marados do Ritmo – Casino da Figueira da Foz, 23h00.

Preço: cinco euros.

12: Oficina de Teatro – Casa das Artes de Miranda do Corvo, 14h00.

14: Cinema à Segunda: “Regresso a Ítaca”, de Laurent Cantet – TAGV, 18h30.

SETÚBAL

12: Visita ao Palácio da Bacalhôa+caminhada por Terras de Alcube, Vila Fresca de Azeitão, das 10h00 às 16h00. A partir da capela do Alto das Necessidades, o trajeto pedestre segue já em plena serra do Louro. Será possível avistar a serra de São Luís, os Vales dos Barris e da Comenda, mas também a península de Tróia e a serra da Arrábida. Antes da entrada na quinta de Alcube vai haver espaço para passagem pela ribeira local.

Preço: 20 euros.

13: Curso Meditação das Rosas – Espaço Holístico TerraLuz, rua Casal da Cova, 2 (Brejos de Azeitão), das 10h00 às 18h00.

Investimento: 100 euros.

13: Curso Meditação das Rosas – Espaço Holístico TerraLuz, rua Casal da Cova, 2 (Brejos de Azeitão), das 10h00 às 18h00.

GUARDA

12 e 13: Expedição Fotográfica: Encantos Serranos – Bosque de São Lourenço e Parque Natural da Serra da Estrela, Manteigas, das 8h00 às 16h00.

Número de participantes entre oito e 14. Preço da expedição fotográfica: 80; Dormida (uma noite): 30 a 50 euros; suplemento quarto individual:

10 euros. A orientação será feita por dois fotógrafos formadores, incluindo sessão teórica no terreno com seguimento em grupo e de forma individual, além de avaliação do material conseguido.

12: Marafona no Sabugal – Auditório Municipal, 21h30.

V. CASTELO

12: “O Feio”, pela Companhia de Teatro de Almada – Teatro Municipal Sá de Miranda, 21h30. Preços: entre três e 10 euros. O texto é de Marius von Mayenburg, a encenação do italiano Toni Caferio. Elenco: Maria João Falcão, André Pardal, João Farraia e João Tempera.

BRAGA

11: Jorge Palma – Teatro-Cinema de Fafe, 21h30.

11: Luís de Matos Caos – Theatro Circo, 21h30.

11: Vivaldi+Piazzolla: Oito Estações – Casa das Artes de Vila Nova de Famalicão, 21h30.

A Orquestra Andaluza sob direção de Alejandro Galindo com violino de Pedro Carneiro.

AÇORES

11: Convívio de São Martinho – Mercado Municipal da Horta, das 18h00 à 1h00. Com artesanato à disposição, vai haver teatro de fantoches, Chamarritas com o Grupo Folclórico e Etnográfico de Pedro Miguel e Ti-Notas pelo Grupo Terceirense. Além da oferta de castanhas assadas, a ementa inclui petiscos, caldo verde e vinho quente.

12: Dom La Nena – Teatro Micaelense, Ponta Delgada, 21h30. Concerto que assinala a estreia dos Açores no Misty Fest.